

#5

Donalinda

MÓNICA FARIA

PSIAX

“Quality of energy varies throughout the day. don't disapprove of the high know how to use it. I want to hire workers to imitate my mother. I want to sell tapestries to imitate my father. I want to recreate, recreate the past. Why. to be active instead of passive, to look for to find is my obsession”
Louise Bourgeois

02

O Arraiolos é uma prática têxtil presente no fazer português desde meados do século XVII (Pereira, s/d) e que se fixou, historicamente falando, na cidade homónina que dá o nome ao bordado. Contudo, e como qualquer organismo vivo, viajou por diversos lugares, inspirou outros fazeres, outros dizeres e outras culturas. Nesse movimento foi-se alterando, evoluindo, crescendo. Andava pelo Norte de Portugal em meados do século XX, quando a minha mãe o conheceu. Os materiais dos quais ela fala diz respeito à tela de juta, à lã de ovelha mas das tinturarias não se sabe. A verdade é que tendo em conta que o trabalho era feito num atelier, esses pormenores diziam respeito ao patrão.

Hoje, com a liberação do mercado, a procura pelos tapetes de Arraiolos diminuiu e começamos aos poucos a assistir a uma perda do saber fazer de algumas tapeçarias que eram prática comum no universo português. Como um filho pródigo que regressa a casa, o original tapete de Arraiolos regressou à cidade Alentejana, vemos um revoltar à tela de linho, ao ponto pé de flor que contorna os desenhos, às tinturarias ancestrais. E se pensamos que se perderia para sempre este fazer, vemos também um crescendo interesse nas camadas mais jovens em renovar padrões, em reinventar novos desenhos aplicando a técnica, o ponto ou os materiais análogos aos Arraiolos.

O patrão da minha mãe deixou de vender tapetes nos finais do século XX e desde então ela deixou de ter motivos (brincar com os motivos dos arraiolos) para fazer tapetes, a não ser o gosto e o prazer que sentia na prática e na criação. Descobriu-se assim, quando de forma livre pensava e aplicava todas as vontades que lhe ocupava a mente durante todos aqueles anos de fazer mais ou menos mecanizado. Esta nova fase da minha mãe, coincidia com a minha entrada nas Belas Artes do Porto, e ao mesmo tempo que eu desejava me afastar desse universo familiar entendia-me toda eu nesta linguagem têxtil, e que não encontrava em nenhum outro lugar um entendimento tal sobre isso.

É que sabem, existe uma linguagem têxtil que não pode ser codificada, faz parte do dialeto e para o entender faz-se necessário sentar, pegar na agulha e fazer. Quanto ao desenho, “Tudo parte do desenho e das cores” diz a Dona Amélia lá das Tapeteiras de Igrejinha (Fiadeiro,2020) e diz a minha mãe, entre-linhas e entre-pontos, e entre-contra-pontos. O desenho está em toda a conversa que se tem sobre o fazer e o pensar nos Arraiolos, surge nessa fala, dialogante, cheia de silêncios e de “aha...”; “aha...”. E se abirmos bem os olhos à luz do dia, esse desenho é coloridíssimo.

Mónica Faria

BIBLIOGRAFIA

- Bourgeois, Louise (2014). The Spider and the tapestries. Hauser & Wirth
Fiadeiro, Maria Antónia (2020). Artistas, Artesãs, Pioneiras. Sintra: /c.a.
Pereira, Teresa Pacheco (s/d). Tapetes de Arraiolos. Lisboa: Editora ESTAR

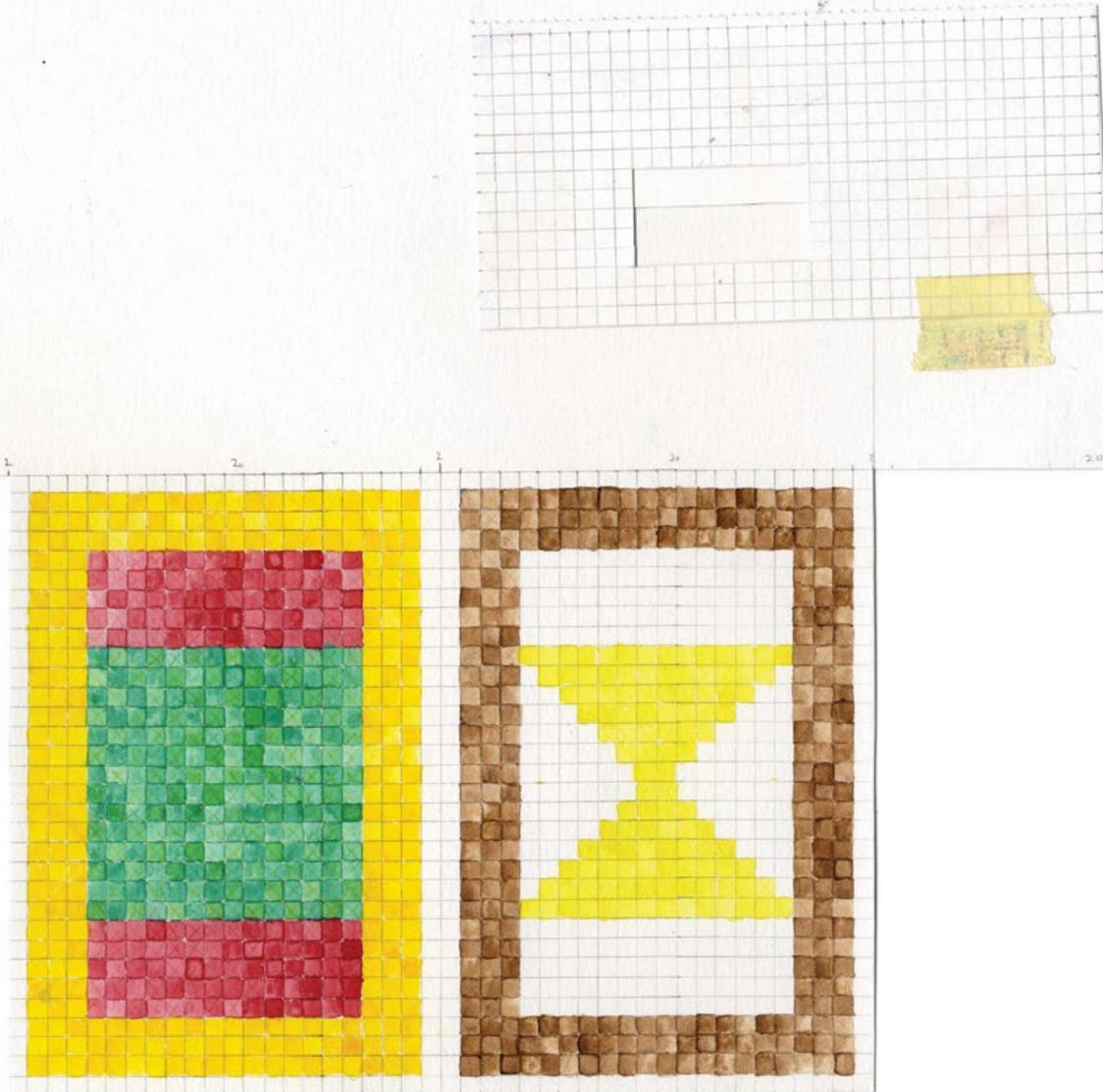
MÓNICA FARIA E DEOLINDA FARIA

Eu sou a Mónica Faria, filha da Donalinda. Aprendi a fazer tapetes de arraiolos com a minha mãe, tinha eu 5 anos. Mas sem muito compromisso, comecei por enfiar a linha na agulha, a passar a agulha na tela e a contar. Aos 5 anos já conseguimos contar até 3! Pois então 3 para o lado, 3 para cima. Desde que a minha mãe começou a fazer tapetes para ela, eu comecei a desenhar pedidos de arraiolos com elementos que saem fora do padrão habitual do arraiolos, num processo de toma lá dá cá. Hoje trabalho com a Deolinda.

I'm Mónica Faria, Donalinda's daughter. I learned to make arraiolos rugs, with my mother, when I was 5 years old. But without much commitment, I started by threading the needle, passing the needle on the canvas and counting. At 5 years old, we can count to 3! Well then 3 to the side, 3 up. Since my mother started making rugs for her, I started to draw requests for arraiolos with elements that come out of the usual pattern of arraiolos, in a process of taking it back and forth. Today I work with Deolinda.

Eu sou a Deolinda Faria, mãe da Mónica. Comecei a fazer tapete com 10 anos, mal acabei a 4ª classe. Havia um atelier perto de minha casa e eu fui lá pedir trabalho. Depressa comecei a ser eu que ampliava ou diminuía os desenhos para os tamanhos das encomendas dos clientes. Na altura tirava os desenhos dos livros para os motivos. Mais tarde continuei a fazer tapetes em casa, até que as encomendas acabaram. O trabalho ficou escasso e eu comecei a fazer tapetes para mim, da forma que eu queria, com os desenhos e as cores que me apetecia. Hoje sou a Donalinda.

I'm Deolinda Faria, Mónica's mother. I started making rugs when I was 10 years old, I barely finished 4th grade. There was a studio near my house and I went there to ask for work. I soon started to be the one who enlarged or reduced the drawings to the sizes of the customers' orders. At the time, I took drawings from books for motifs. Later I continued to make rugs at home until the orders ran out. Work became scarce and I started making rugs for myself, the way I wanted, with the designs and colors I wanted. Today I am Donalinda.



PSIAX

Considerarei a forma mais rica de vos mostrar essa tecitura, transcrevendo a tentativa dialogante da minha mãe explicar como desenhamos os tapetes que nos encomendam. Mas primeiro vou fazer-vos um desenho (fig.1)

Fig.1 Estudo para tapete pequeno, grafite e aguarela sobre papel, 29,7x42cm, 2021 (com grelha de seleção de ponto cruz).

Mãe, como explicamos o desenho que fazemos para os arraiolos?
Não sei se estou a perceber, mas não temos uma única maneira de pensar
o desenho para o arraiolos, temos que pensar caso a caso. Cada tapete
é único, por isso, fazemos de diferentes maneiras, não é?

este desenho, por exemplo, aqui tem só 3 barras mas eu queria
5 ou 6!

olhando para esta carpete (fig.1): tenho aqui estas
barras, não é? se eu quisesse mais barras do que es-
tas no mesmo tapete em si, com os mesmos pontos, eu
teria que fazer a contagem para dar certo, para ter
todas as barras no mesmo tapete, percebes? Se não
tiver uma pessoa que me faça o desenho eu oriento-me
sozinha, a pessoa é que tem de dizer "olhe, faça a
carpete como gosta, ao seu gosto." eu faço. E já
faço diretamente na tela. Mas se fores tu a desenhar
eu faço aquilo que tu desenhavas, podem ser 5 barras
todas diferentes.

02

Também conta muito a medida...

Tu ao desenhares no papel parece um desenho pequeno, mas quando vais
transformar para a tela fica um desenho grande. Um desenho só, um dese-
nho destes (fig.2), parece pequeno aqui mas este ocupa a carpete toda.
Para ter volume, o desenho em si, para ficar bonito, para ficar bem,
para a pessoa ver o que realmente é o desenho. Neste caso, se fizesse
assim, só saía uma bolastra e depois a pessoa não via o desenho, porque
este tapete tem 2x3m. Não cabia, não saía bem na carpete.

Então, essa é uma outra forma de fazer.

Sim, Elisabete, primeiro precisamos de ver o desenho que se quer; tens
que ser tu a desenhar, aquela ideia geral do tapete. Depois disso,
primeiro tenho que fechar a tela para eu contar os pontos, do canto
para o centro; para a partir desses pontos, já consegues começar a
desenhar com a medida certa. Sabes que quando temos um desenho que é
muito miudinho, ele conjuga melhor se for sempre repetido... e depois tem
aquela questão do desenho no papel milimétrico, não é o melhor porque
tem tantos pontos, consegues tanta complexidade, que não representam
a realidade do arraiolos e ficamos com uma expectativa que não corres-
ponde ao tamanho da carpete. Tem a questão do ponto de 2 e do ponto
3, que é uma medida fixa.

Então a escala do desenho também é importante.

Sim, para que não te entusiasmes.

E o motivo? Também temos o motivo!

Fazer o motivo ainda dá mais trabalho que desenhar no papel. Mas o
desenho no papel permite desenhar, redesenhar, apagar, colar um papel
em cima e voltar a desenhar. E ainda tens a questão financeira, porque
o tempo que tu levas a fazer o desenho também tem um preço, não é?
Então, imagina o motivo.

Mas também só interessa desenhar em motivos quando são desenhos para
repetir. Mas os nossos trabalhos são únicos.

Pois são, por isso é que tu desenhavas para poderes falar comigo e com
quem está a pedir o tapete. Só que de vez em quando vamos buscar al-
guns elementos e recontextualizamos, por exemplo, o desenho das cobras
com os gatos.

PROJETO

Pois é, os desenhos foram todos feitos em partes. Enquanto que este (fig.9) tu desenhaste uma parte, este rabinho, por exemplo, porque só ainda decidimos o rabinho, e depois mando para ti para desenhares mais um bocado, e o cliente, neste caso o Gilinho reformula. eu vou interpretando as texturas que funcionam, e andamos assim...

no atelier o que acontecia era que o patrão tinha o desenho de uma revista que a pessoa escolhia, mas as pessoas naquele tempo queriam tudo igual, a pas-sadeira, a carpete, o terno, e eu tirava da revista diretamente para o motivo, e daí aumentava, repetia, diminuía... era outra coisa.

e a cor. Vamos agora, também falar da cor, não é?

sim, a própria pessoa que quis a carpete, escolheu as cores, certo? E disse: "olha, esta cor, eu gostava destas cores e da outra e a outra" para ser a cor fundamental da carpete, a maior quantidade da cor da carpete, que quer dizer que é o fundo. Do fundo, depois de eu ter a cor certa do fundo, eu conjugo as outras cores com aquelas, com o fundo as cores que fiquem bem.

Mesmo que isso não tenha sido desenhado?
Não, mesmo que essas cores não tenham sido desenhadas.

Até porque também temos também a cor do lápis e a cor da lã (fig.3). Sim, a pessoa escolhe a cor que quer no tapete e nós conjugados diretamente quando estamos a fazer, porque o lápis nunca tem a cor certa com a cor do lã, por isso, ou fazemos aproximado ou até fazemos com outra cor. O importante é sabermos a partir do catálogo das lãs quais as cores que foram escolhidas.

tem sempre que fechar!

uma carpete nunca pode começar pelo desenho. Temos sempre que fechar primeiro o tapete, contar os pontos e depois desenhar.

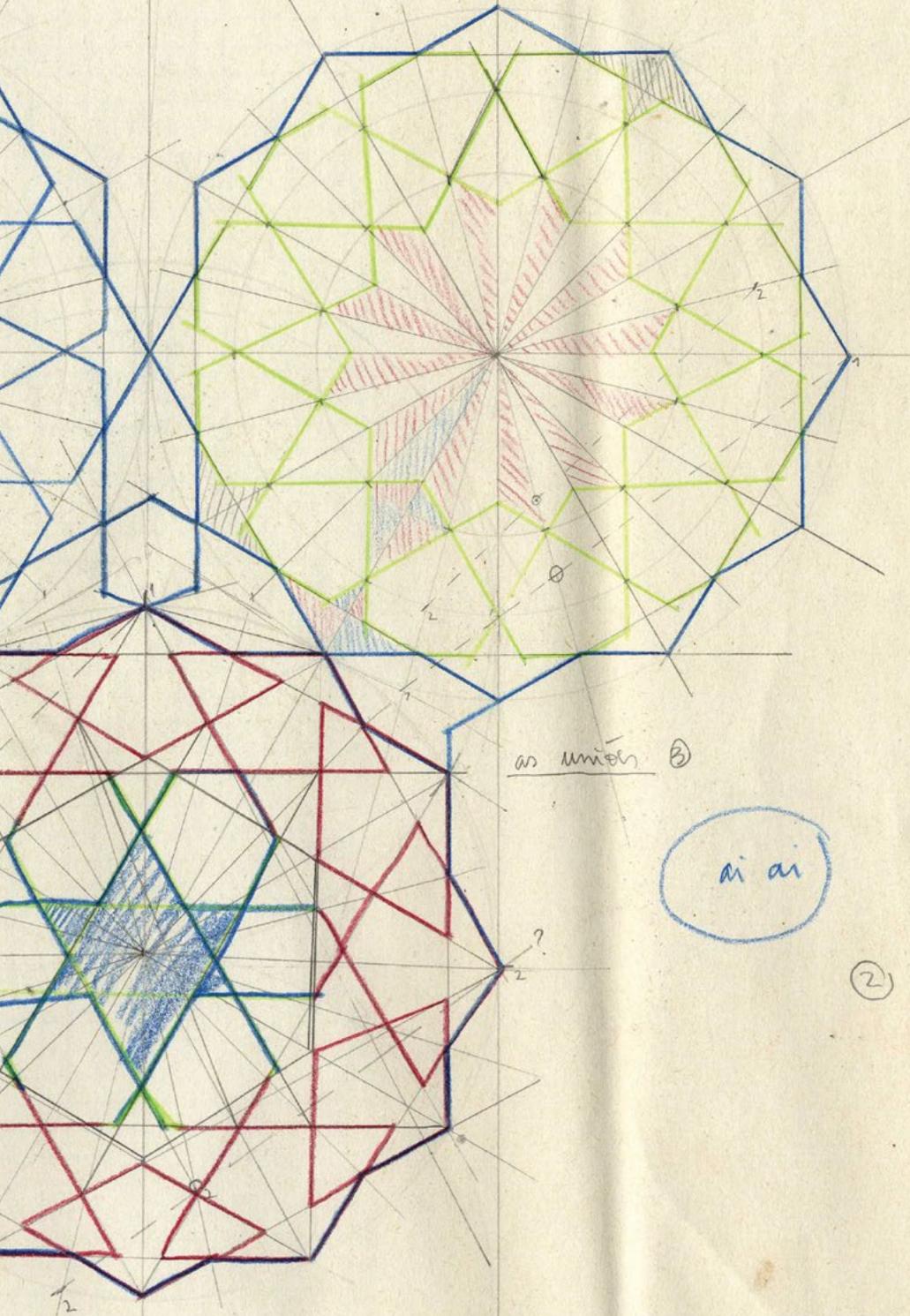
Sim, mas primeiro desenho a ideia geral do tapete, num esboço... Claro, e depois fechar o tapete. A partir daí, estás a desenhar no papel e eu vou passando para a tela. Tu fazes o desenho da forma, e eu as texturas, os volumes, a conjugação das cores.

Por exemplo, o tapete das cobras desenhámos diretamente na tela porque fazia sentido, mas este do dragão, não era possível. Pois não, porque era muito minucioso, cheio de pormenores, mas no das cobras sim, fazia sentido, mas quando são estas formas repetidas (fig.5) também não faz sentido riscar na tela. De qualquer forma, seja qual for a ideia, temos sempre primeiro que fechar o tapete.

estudo para padrão islâmico

133

1038451



← dividir com
dois hexágonos
contatos (estrela azul)
← dividir entre / unjeto
com as duas
circunferências
(em baixo as linhas
em cima em cima)

①

← repensar as linhas
quais
~~o~~

enganei-me
a calcular.
a medida
dos círculos

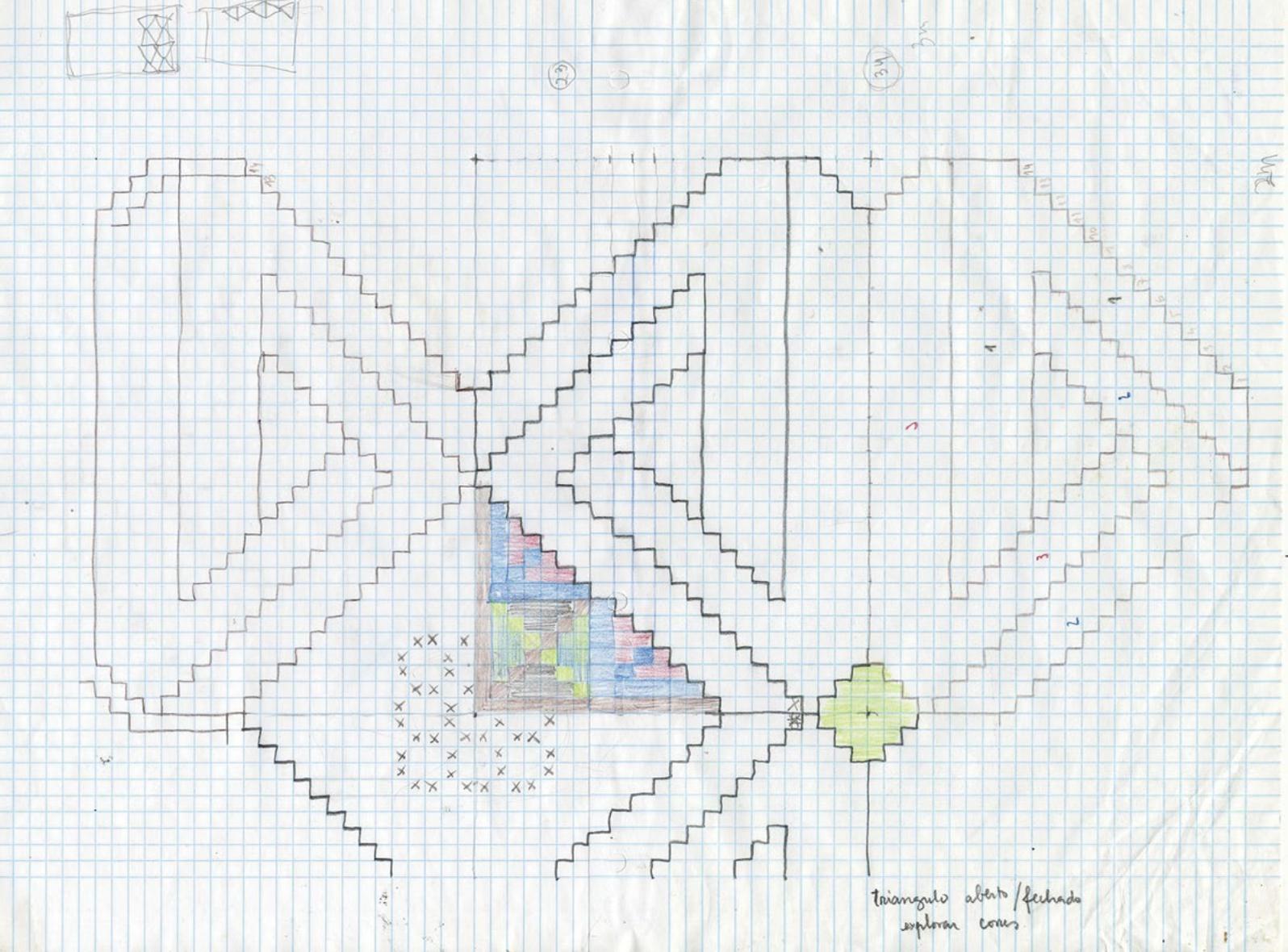
as unções ③

ai ai

②

← dois hexágonos
outra vez
← quatro triângulos
← os pontos roxos
faz um novo
hexágonos

Fig.3 Estudo para padrão islâmico,
lápiz de cor e grafite sobre
papel, 29,7x42cm, 2019.

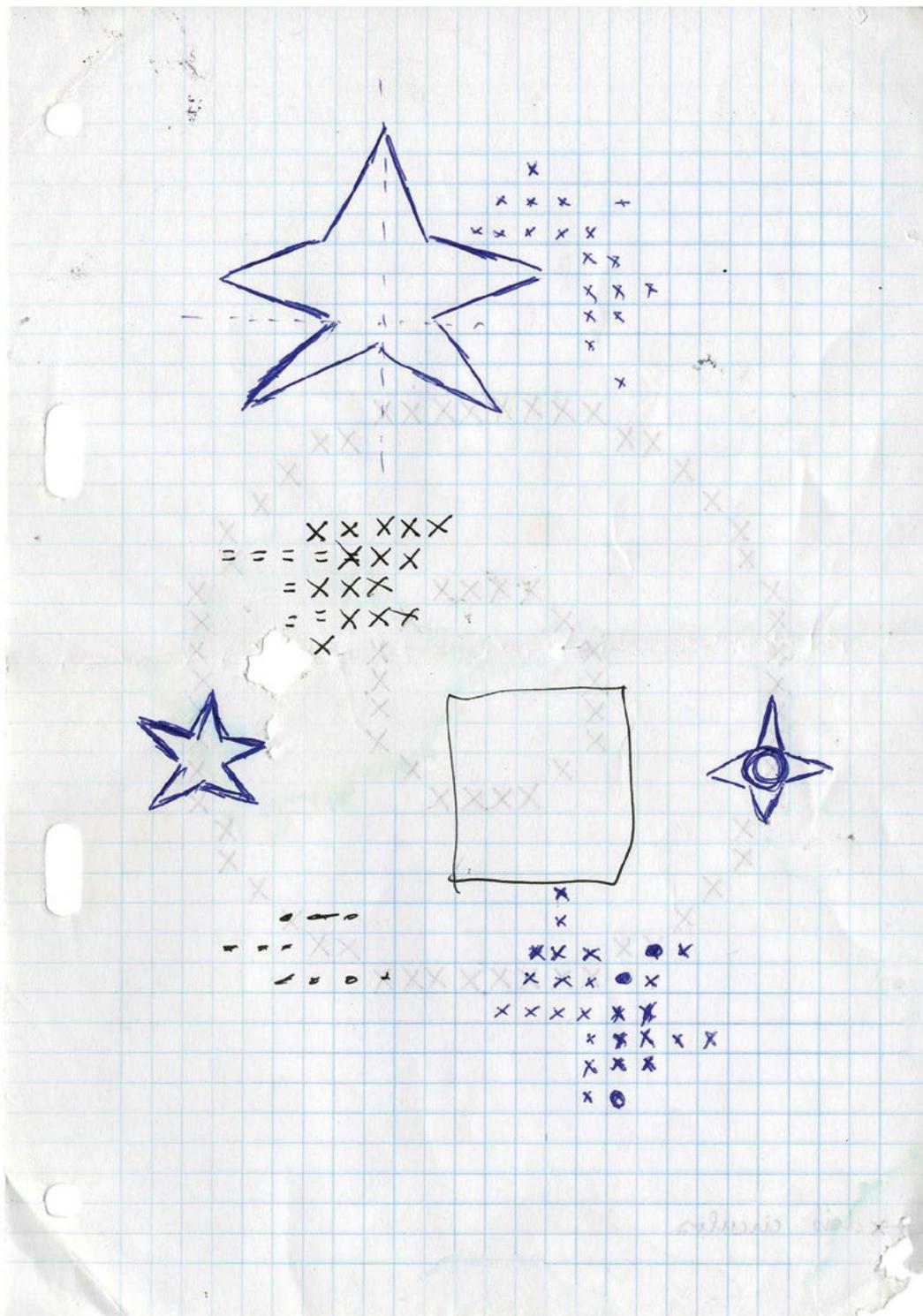


PROJETO

Fig.4 Estudo de fundo para "Dragão do Gil", lápis de cor sobre papel, 21x29,7cm, 2020.

Fig.5 Como se faz uma estrela,
caneta sobre papel, 14,8x21cm,
2010.

#5



PSIAX

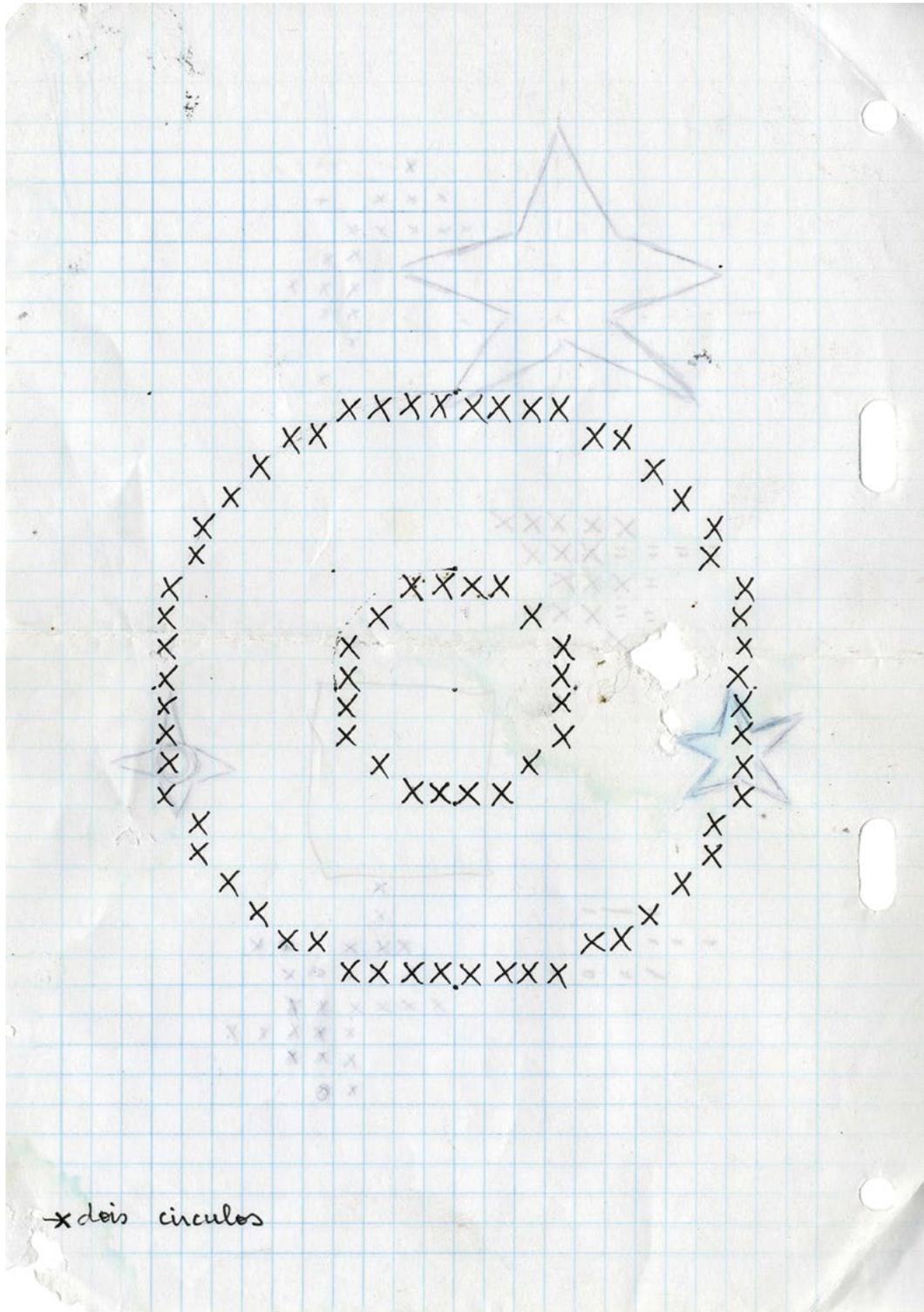
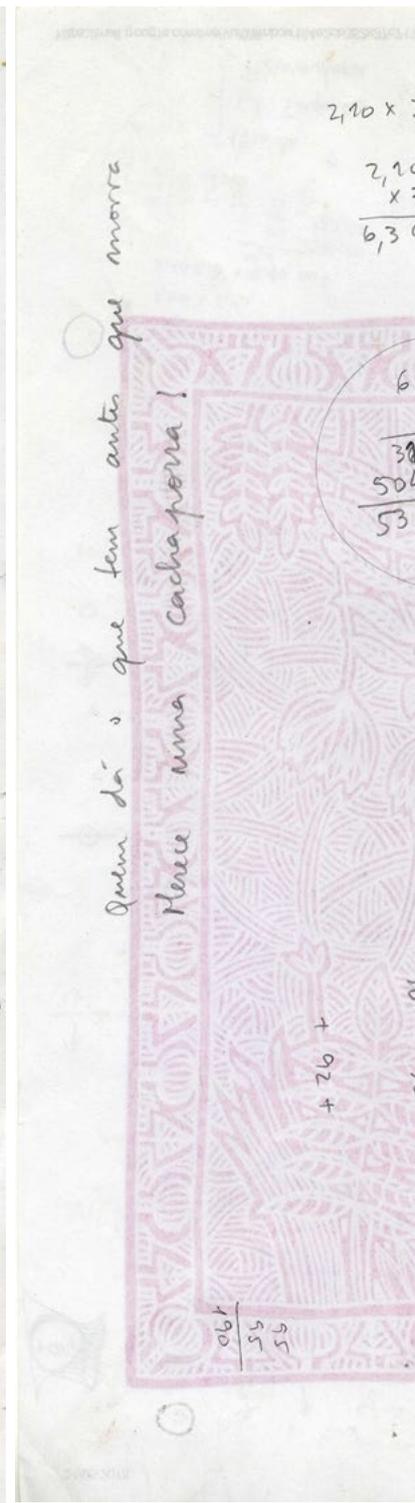
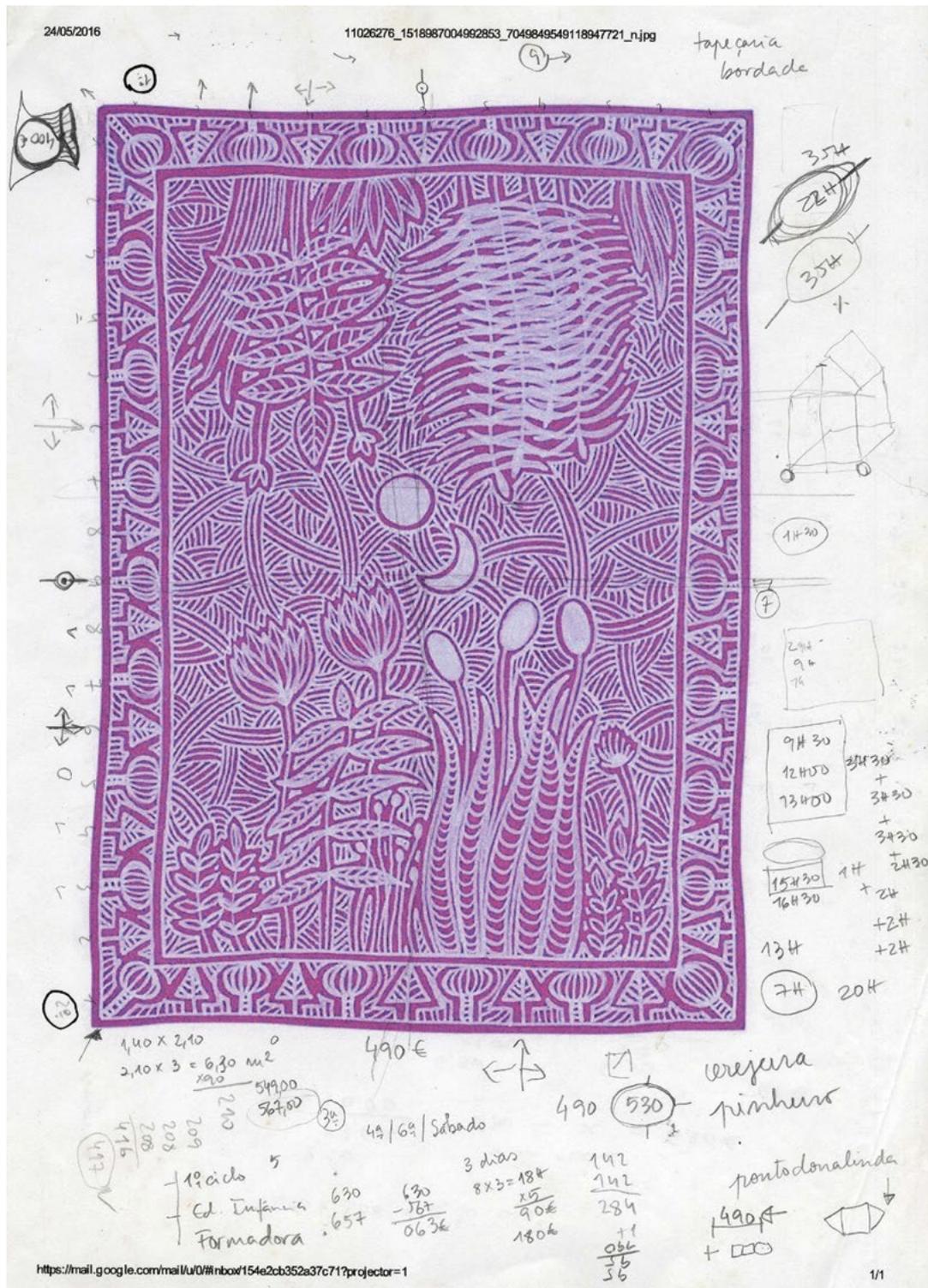


Fig.6 Como se fazem dois círculos,
caneta sobre papel, 14,8x21cm,
2010.

Fig.7 Estudo de dimensões para aplicar no arraiolos, fotocópia rasurada, 21x29,7cm, 2017.



PSTLAX

Fig.8 Estudo para Casa no verso de "Estudo de dimensões para aplicar no arraiolos", grafite sobre papel, 21x29,7cm, 2017.



#5

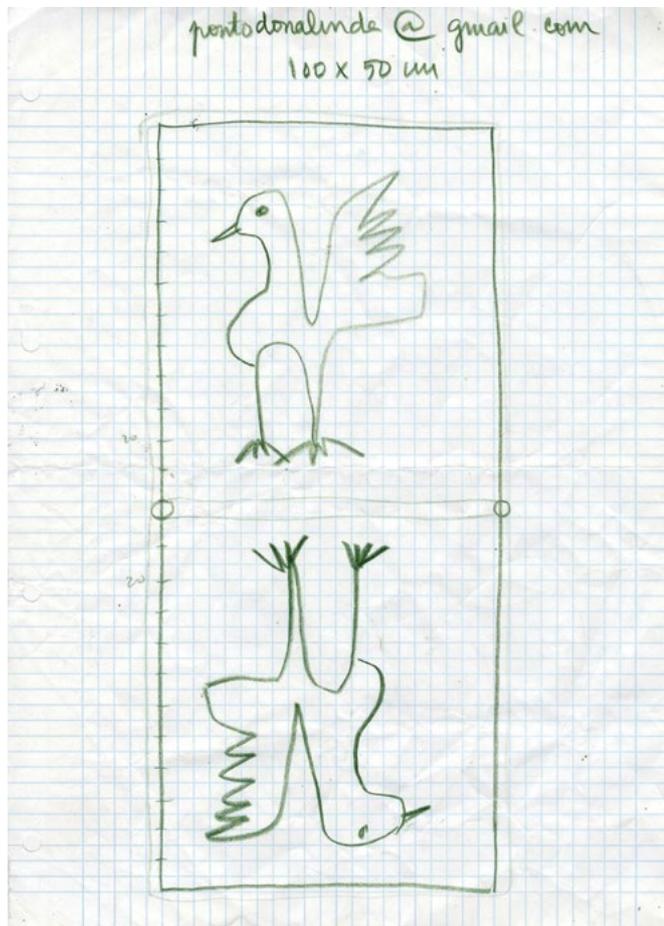


Fig.9 Dragão do Gil, lápis de cor sobre papel, 76x102cm, 2020/2021.

Fig.10 Estudo de cores para "Dragão do Gil", lápis de cor sobre papel, 21x29,7cm, 2020.

Fig.11 Estudo para carteira, lápis de cor sobre papel, 21x29,7cm, 2018.

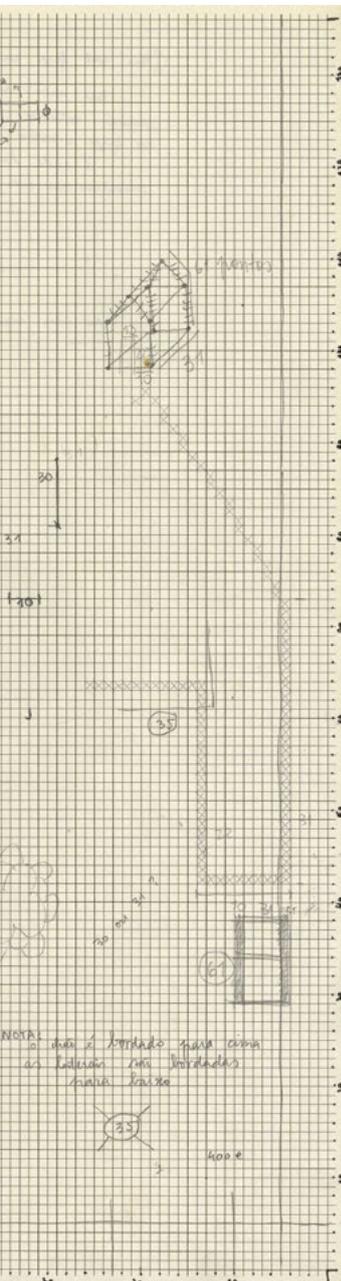


Fig.15-16 Esboço para Casa de Arraiolos, caneta sobre papel, 21x29,7cm, 2003.

